

HOMENAGEM A ORTEGA Y GASSET

REFLEXÃO SOBRE A NATUREZA DA FILOSOFIA

Ubiratan Borges de Macedo
Universidade Federal do Paraná

Ortega y Gasset, o filósofo madrileno, foi dos pensadores do século o que desenvolveu a meditação mais profunda sobre a natureza da Filosofia.

Deve-se isto em parte à situação existencial do homem Ortega. Ao contrário da maioria absoluta dos pensadores do século XX, Ortega não era um modesto professor vivendo de escassos proventos e fugazmente iluminado pelos refletores da fama, quando da publicação de um livro mais afortunado.

Ortega y Gasset foi uma figura pública, privilegiado em todos os sentidos do termo. Dotado de personalidade magnética e sólidas bases familiares, oscilou sempre em ser um professor de Metafísica, ou um deputado (foi um dos responsáveis pela República na Espanha), ou o poderoso proprietário diretor de jornais, revistas de cultura de importância internacional, e bem-sucedido editor. Além destas múltiplas facetas, foi o amigo de Einstein, o colega de turma de Nikolai Hartmann e Heinz Heimsoeth, o homem com quem grande parte dos grandes homens de seu tempo, cientistas, filósofos e literatos orgulhava-se de com ele privar. Sem falar do fascínio que, como homem interessante, exerceu sobre a metade feminina da humanidade.

Talvez, por isso, refletiu como ninguém sobre essa sua incoercível vocação à Filosofia, à qual estava livremente preso, pois poderia sempre, a qualquer momento, viver outra maravilhosa aventura ou papel humano.

Foi uma longa reflexão a de Ortega sobre a Filosofia. Inicia-se no seu juvenil livro de 1914 *As Meditações do Quixote*. Retoma-as no seu curso de 1929 *Que é a Filosofia?* Prolonga em *Origem e Epítogo da Filosofia* (1943-1945) e encontra sua exposição mais perfeita na *Idéia de Princípio em Leibniz* (1947) estes três últimos textos publicados após a morte do filósofo em 1957, 1960 e 1958, respectivamente. Idéias complementares encontram-se no texto *Idéias para uma História da Filosofia* (1942) e no ensaio *Apuntes sobre el Pensamiento* (1941) e nos *Cursos Sobre la Razón Histórica* ditados em Buenos Aires (1940) e em Lisboa (1944) e só editados em 1979, e nos *Comentários ao Banquete de Platão* (1946) publicado em 1962 e o inédito curso *Que é o Conhecimento?* (1931), publicado em uma revista argentina em 1964. Como se vê, só agora, na década de 80, aos quase 30 anos da morte de Ortega, é que se oferece a possibilidade de estudos suficientes sobre o seu pensamento, pela tardia publicação de importantes inéditos.

Os inéditos em quantidade vão preencher tantos volumes nas Obras Completas quantos os publicados em vida: seis. Com efeito, em vida de Ortega publicaram-se seis volumes de obras, após sua morte mais cinco até 1964, e depois numerosos volumes soltos e, ainda, em curso de publicação, que completarão sem esforço mais um volume, mesmo excluindo seu epistolário.

Quanto à qualidade, os inéditos são os textos de maior importância filosófica sem nenhuma dúvida, embora falte a eles algo que Ortega considerava importante: o polimento literário. E revelam a filosofia de Ortega ao público externo, pois até sua publicação só o público interno de discípulos, como Gaos, Marias etc., tinha exata noção da filosofia do mestre.

Textos como *O Homem e a Gente*, *A Idéia de Princípio em Leibniz*, *Que é a Filosofia*, *Uma Interpretação da História Universal*, *Umas Lições de Me-*

taffsica e Sobre a Razão Histórica são insubstituíveis para o conhecimento do pensamento orteguiano. Em suma, um incidente literário em paralelismo com o sucedido com Edmundo Husserl, o pai da Fenomenologia.

Ortega começa por reclamar do termo filosofia. Esta anódina palavra apareceu em 440 a.C. entre os grupos "cultos" em torno a Péricles, em Atenas. Foi usado como palavra neutra (amigo da sabedoria) para não irritar as turbas em face da agressiva sabedoria dialética desenvolvida pela primeira geração filosofante (Heráclito e Parmênides).

Era um nome suave, nada cortante, atenuante à feroz crítica, elaborado pelos pensadores contra a mitologia e a religião popular frente à qual eram ateus.

Para Ortega o nome adequado para a nova atividade humana, não fora esta necessidade política de ocultação, seria o de alétheia (verdade), que lhe deu Parmênides, o pai fundador. "Com efeito, quando o pensar meditando sobre as idéias vulgares, tópicas e recebidas respeito a uma realidade, encontra que são falsas e lhe parece por detrás delas a própria realidade, sente-se como se houvesse tirado de sobre esta uma crosta, um véu ou cobertura que a ocultava, detrás dos quais se apresentam em pêlo, desnuda e patente, a própria realidade. O que sua mente fez ao pensar não é, pois, senão algo como um desnudar, descobrir, retirar um véu ou ocultador, revelar (= desvelar), decifrar um enigma ou hierógrifo. Isto é literalmente o que significa em língua vulgar o vocábulo alétheia — descobrimento, patentização, desnudamento, revelação." (Origem y Epilogo de la Filosofia — c. 5º O Nome Autêntico — Obras vol. IX, 385.)

Mas o lindo nome alétheia não pode ser usado; Sócrates, na vã tentativa de não ofender ou irritar as turbas do ágora ateniense, preferiu outro para sua atividade, o que não iludiu seu destino.

Vemos que os próprios filósofos têm medo da filosofia, além, é claro, dos atingidos pela sua crítica, os que vivem imersos na Mitologia e ou no pensar tradicional. Nos seus artigos sobre o Colóquio de Darmstadt com Heidegger, Ortega observa a hostilidade dos "especialistas" para com o filósofo e explica o porquê.

"A Filosofia é sempre convite a uma excursão vertical para baixo. A Filosofia vai sempre detrás de tudo o que há aí e debaixo de tudo que há aí. O processo das ciências é avançar e progredir. Mas a Filosofia é uma famosa Anabásis, uma retirada estratégica do homem, um perpétuo retrocesso. O filósofo caminha para trás. Os outros homens falam dos princípios da ciência e da civilização. São as verdades estabelecidas, as verdades assentadas. Pois bem, o destino do filósofo é ir por detrás, e por debaixo de destes chamados "princípios", para ver-lhes as costas e o assento. Vistos assim, os "princípios" que tranqüilizam ao bom burguês, e sobre os quais, com plena confiança e comodidade se senta, resulta que não o são suficientemente, que são falsos ou são já verdades secundárias e derivadas, e que é preciso outros detrás deles que são mais "princípios" e mais firmes. Daqui a inquietude das gentes que querem estar tranqüilas e sentar-se seguras, quando vêem que o filósofo envolve sua retaguarda e se coloca pelas costas" (Obras IX p. 631).

Encontramos listados aí, quem tem medo da Filosofia: as gerações tradicionais, os homens dos mitos, os especialistas seguros do seu saber, o burguês mental estabelecido em princípios.

Ortega encontrou no seu tempo um dramatismo peculiar ao pensar. Tratava-se da crise do Ocidente, da civilização da razão, do sentido da vida etc. Os irracionistas e os existencialistas julgavam que o tom adequado ao filosofar era a angústia. Ortega reconhece o dramatismo da vida humana, a desorientação de quem não consegue orientar-se e busca pela razão um norte para sua vida. Mas a vida não é tragédia, ela é, o lugar onde as tragédias se fazem possíveis. Porque a vida é a unidade antagonica do desespero, da perdição do mundo e da constante ressurreição,

e da vontade de existir, perigo e alegre desafio ao perigo, angústia e esporte (Idea de Principio en Leibniz — O.C. vol. 8 p.287).

“Se tomamos (a Filosofia) só pateticamente como o quê pertence à religião, estamos perdidos porque então perdemos ‘a liberdade de espírito’, a audácia e a alegria acrobática sem as quais não é possível teorizar. Minha idéia é, pois, que o tom adequado ao filosofar não é a sufocante seriedade da vida, senão a alçônica jovialidade do esporte, do jogo.” (Idea de Principio en Leibniz — O. C. vol. 8. p. 306).

No seu recente livro Sobre la Razón Histórica (1979) Ortega aduz uma previsão: “Fiquemos num justo meio, quando fazemos teoria e tratamos com idéias, entre a sufocante seriedade da vida, do viver, e a irresponsável leviandade do jogar. Esse justo meio termo é o esporte que tem do viver o rigoroso esforço e tem do jogar o arbítrio com que se empreende”. (Op. cit., p. 26).

Por que esta exigência de uma atitude esportiva em Filosofia? Porque o fundamental é não engajar-se. O engajamento, tão em moda na política e no existencialismo, é o contrário da atitude filosófica, alegre, risonha e descomprometida. Pois: “A Filosofia não é demonstrar com a vida o que é a verdade, senão estritamente o contrário, demonstrar a verdade para graças a isto poder viver autenticamente. O demais é pretender provar que dois e dois são quatro à força de assassinar ou deixar assassinar. Não, não; o filósofo não pode deixar ‘sem trabalho’ o mártir usurpando-lhe o ofício. O mártir é testemunho do fato que é a “crença”, mas não da utopia sutilíssima que é a verdade”. (O. C. vol. 8, p. 316).

O engajamento do filósofo é com a razão, que é um dever antes de ser uma posse. E mercê do qual vamos abandonando teorias sem cessar para chegarmos, cada vez mais, à realidade subjacente sobre elas. O filósofo não briga por suas idéias como o apóstolo, ou o ideólogo, corrige-as, e sempre está convencido da possibilidade permanente de seu aperfeiçoamento e substituição. E, assim como é rápido na autocrítica, não o é menos na crítica da doxa, do lugar-comum tradicional que oculta a realidade.

A atitude espiritual própria para teoria é pois a esportiva; trabalho sério e duro, mas com fair-play, aceitando a derrota. Mas sempre observando as regras para adquirir ou perder uma nova teoria. Não se confunde fair-play esportivo com ceticismo; ninguém leva mais sério algo que o esportista, mas sabe que seu objeto é um jogo, que tem regras, e não é tudo no momento, e que pode perdê-lo e recomeçá-lo com outra teoria melhor.

A Filosofia não é conhecimento, muito menos científico (O. C. vol. 8 p.282). O conhecimento como Ortega mostrou egregiamente no seu curso do mesmo nome (1931) é uma forma de pensamento supondo a existência, por sob o caos das impressões, de uma realidade estável sempre idêntica, o “ser” das “coisas”; e, supondo também nossa possibilidade de alcançá-lo. (Apuntes sobre el Pensamiento O. C. vol. 5). Toda ciência é conhecimento de um objeto através de um método verificável. Ora a Filosofia não tem objeto, seu objeto, se se pode denominá-lo tal, é o Universo, o todo, a totalidade anterior a qualquer interpretação dela, a realidade em suma. Ortega anuncia um xeque-mate na noção de ser, à qual não é objeto de uma pergunta que seria a Filosofia, pela simples razão que já é resposta, mas isto é uma história longa de se narrar, como todas as histórias.

Pensar, idear é, como mostrou Ortega, uma formação vital. O fundamental é a minha vida; respondo ao incitamento da circunstância, entre outras atitudes, pensando, por isso a Filosofia é atividade, como em Wittgenstein, e função vital, como quase tudo aliás.

Ou como a descreve Ortega: "A Filosofia é um sistema de radicais atitudes interpretatórias, por tanto intelectuais, que o homem adota em vista do acontecimento enorme que é para ele encontrar-se vivendo." (O. C. vol. 8 p.266).

A Filosofia difere também da ciência porquanto constitui seu objeto o Universo ao fazê-lo recuar sempre como um horizonte, ao passo que as ciências exploram um objeto estático diante do cientista. Outra diferença significativa é que na ciência "normal" há acúmulo de resultados. Na filosofia, diríamos antes, de fracassos. A Filosofia não aceita nenhuma opinião dada como válida sem provas, sua preocupação é com os primeiros princípios, com os fundamentos. Seu progresso será não um novo conhecimento, mas um princípio ou fundamento mais radical que invalide os anteriores, por isso é retirada ou Anabásis (Cf. Sobre la Razón Histórica).

A Filosofia não acumula conhecimentos, fundamenta-os; encontra princípios melhores para eles. Salvo se considerarmos por natureza conhecimento um novo princípio ou fundamento.

É pois uma atividade organizadora do fato enorme que é o estarmos vivendo como náufragos no mar da vida, e tendo de construir mundos e estabelecer a realidade deles. É uma atividade racional antimística e de difícil convivência com as religiões estabelecidas e com as ideologias políticas por motivos óbvios. Pois sua ocupação primeira é a crítica dos princípios de opinião pública e dos fundamentos da ciência. E a forma exasperada de um ser que se sente perdido no mundo e aspira a orientar-se. (O. C. vol. 6 p.351).

Ortega estabelece ainda umas precisões sugestivas sobre a Filosofia. Esta é teoria como vimos, mas uma teoria especial e circular, diz em "Sobre la Razón Histórica"; isto é, não tem ordem de começar e acabar. Suas teses e teoremas têm ordem e hierarquia, mas esta se interpenetra com outras como é próprio de uma teoria sobre o todo. Toda ordem em Filosofia deve-se à sua exposição didática, em si mesma qualquer de suas teses é alfa e ômega. O que é compreensível de uma realidade que por sê-lo está na história e num céu geométrico, e ao estar imensa na história sempre tem um antes e um depois, embora só possa ser "cotada" com princípio, meio e fim que não existem no real.

Além de circular ou porque circular, a Filosofia é uma teoria dialética, isto é, uma teoria que busca integrar o real por tomadas sucessivas sobre seu dinamismo. Uma idéia implica outra porque a realidade se nos oferece em perspectiva complementares e sucessivas no tempo e no espaço, e jamais dela temos a perspectiva absoluta, excludente das demais, porque a história continua.

Esta teoria circular e dialética é autônoma. Esta renuncia apoiar-se em nada anterior à Filosofia.

Não partir de suposições, é um saber sem pressupostos. (Cf. Que é Filosofia, lição 5ª, O. C. vol. 7). Acresce Ortega mais um princípio à estranha teoria que é a Filosofia: ela é pantônoma.

Os seus conceitos devem ser construídos em função do todo, não em função de um objeto parcial como nas ciências. A Filosofia procura o uno em todas as coisas, e em cada coisa sua conexão com o todo, sua função na totalidade de quanto há, seu aspecto de realidade se se quer. "A Filosofia é o conjunto do que se pode dizer sobre o Universo" (O. C. vol. 7 p. 347), afiança Ortega depois de defender a Filosofia contra o místico que tem uma experiência inefável do uno, do todo, e que fala demasiado sem conceito o tema, isto é, nada dizendo. O Filósofo aspira à clareza sobre o obscuro, e, em oposição a Wittgenstein, a dizer e não calar; é

uma atividade que consiste num dizer para solver o problema da vida, que é inescapável; a cada momento tenho de decidir sobre ela e, ao fazer isso, construo-a.

O filosofar não é para Ortega algo feito pelo homem em todos os tempos e culturas. É uma atividade do homem ocidental desde o século VI antes de Cristo e que com vária fortuna vem prosseguindo, com algumas interrupções pela ausência de alguns de seus pressupostos, e nada garante que o homem continue filosofando.

Há uma radical oposição aqui a Heidegger e à escolástica, para os quais a Filosofia como pergunta pelo ser representa uma possibilidade permanente e obrigatória do homem.

Esta atividade não é uma atividade primigênia; para que o homem começasse a filosofar, algumas coisas deviam ocorrer.

O primeiro e mais basilar destes pré-requisitos é a dúvida na tradição. Só filosofa o homem que perdeu a fé de seus pais e caiu da desesperação. E como não pode permanecer neste estado, faz esforços natatórios para sair deste mar de dúvidas. A metáfora marítima evocando o vaivém insubstancial e sem solidez das vagas é a imagem do espírito humano tem abalada a sua fé nas "creencias" tradicionais.

Mas para querer e poder sair, sem fazê-lo pela porta existencial do suicídio, o homem deve ter guardado ou adquirido a fé numa causa, quando a perdeu em todas as outras. É mister uma fé na razão como via para sair da desesperação do niilismo.

"Filósofo só pode ser quem não crê ou crê que não crê e, por isto, necessita absolutamente agenciar-se algo assim como uma crença. A Filosofia é a ortopedia da crença fraturada." *Idea de Principio em Leibniz.* (O. C. vol. 8 p. 261.)

Mas a Filosofia não surge em todos os povos onde sempre alguns indivíduos perdem a fé tradicional de seus pais.

Algumas modestas condições sociológicas devem complementar-se para eclodir esta maravilhosa aventura que é a Filosofia.

A comunidade onde vai surgir a Filosofia deve ter entrado na época de liberdade ! Por época de liberdade entende Ortega a experiência por que passam as civilizações quando decolam da barbárie, quando há mais possíveis afazeres do que se precisa. Dá-se quando o homem passa a viver numa sociedade onde há pluralidade de opções, de carreiras, e não como na sociedade primitiva onde só se pode ser guerreiro, lavrador, ou chefe ou sacerdote-médico. A organização de uma sociedade complexa buscada na divisão de trabalho social força à reflexão sobre as várias possibilidades existenciais.

Reflexão esta aumentada nas colônias (o que explica a origem da Filosofia na Turquia), pois nelas, além das opções quanto ao destino individual, há que se contar no ar com a coexistência de modos de vida e crença diversos que aprofundam a reflexão originante da Filosofia. Mas é insuficientemente a coexistência de povos distintos num espaço geográfico. Sem a fé na razão, impossível decidir qual das crenças em conflito merece ser acreditada, qual é a verdade em suma. Surge daí um outro condicionante da Filosofia para Ortega, esta vez não mais na sociedade, mas no indivíduo. Além da fé na razão, o filósofo filosofa a partir de sua vida já na etapa descendente da vida, quando acumulou suficiente experiência para que as interrogantes possam exercer pressão por uma resposta. Não há meninos prodígios em Filosofia. Ortega, algures em sua imensa obra, fixou aos 26 anos para se conceberem as primeiras idéias, expostas em público aos 31 anos e sistematizadas (a forma da verdade em Filosofia) aos 51 anos, a lição Estagirita.